

“TIPO ASSIM, PRA NÓS, NO DIA, PORQUE O ALUNO PRESTA MAIS ATENÇÃO, NÉ?”: MÚSICA NEGRA E CINEMA NEGRO NA E.E.E.M. RAIMUNDO HENRIQUE DE MIRANDA ENQUANTO LINGUAGENS DO ENSINO DE HISTÓRIA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA.

Bernard Arthur Silva da Silva¹

Claudemir Chaves²

Elany Ribeiro de Oliveira³

1. Cinema Negro e Música Negra No Ensino Médio: Teoria e Método.

O presente trabalho, visa trazer à tona, os resultados alcançados ao longo do período entre 12 de Junho e 15 de Agosto de 2017 (Período 2017.2) e segunda semana de Novembro até o final de Março de 2018, na Monitoria da disciplina História das Sociedades Africanas, ministrada na Turma 2016 (Matutino) do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA/Campus Xinguara). E, também, nas ações de extensão acerca do ensino e pesquisa do Projeto de Extensão envolvendo o Cinema e a Música Negra na universidade e educação básica (Escola Estadual de Ensino Médio Raimundo Henrique de Miranda) em Xinguara-PA (sul do estado do Pará).⁴

O projeto de extensão integra o Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX). As ações do projeto, na visão do Plano de Desenvolvimento Institucional da

¹ Graduado em História (UFPA). Mestre em História Social da Amazônia pela mesma instituição (UFPA/PPHIST). Professor Assistente do Curso de História/UNIFESSPA/Campus Xinguara. Coordenador do Projeto de Extensão “CINEMA E MÚSICA NEGRA COMO ELEMENTOS DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: SUBSÍDIOS PARA A APLICAÇÃO DA LEI Nº10.639/2003 NA UNIVERSIDADE E ENSINO MÉDIO (2018-2019)” e Coordenador de Área do Subprograma PIBID/UNIFESSPA/História/Campus Xinguara (2018-2020).

² Graduado em Filosofia (PUC/MG). Professor da Rede Estadual de Ensino (SEDUC-PA). Atua nas Escolas Estaduais Dom Luiz de Moura Palha e Raimundo Henrique de Miranda, em Xinguara-PA.

³ Graduanda do Curso de História/UNIFESSPA/Campus Xinguara (6º Período). Bolsista de extensão no Projeto “CINEMA E MÚSICA NEGRA COMO ELEMENTOS DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: SUBSÍDIOS PARA A APLICAÇÃO DA LEI Nº10.639/2003 NA UNIVERSIDADE E ENSINO MÉDIO (2018-2019)”.

⁴ O nome do Projeto de Extensão se chama “CINEMA E MÚSICA NEGRA COMO ELEMENTOS DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: SUBSÍDIOS PARA A APLICAÇÃO DA LEI Nº10.639/2003 NA UNIVERSIDADE E ENSINO MÉDIO (2018-2019)”. Ele está registrado no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA/UNIFESSPA), com o código PJ022-2017 e, foi contemplado pelo Edital 012/2017 da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis (PROEX/UNIFESSPA), referente ao Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX). Suas atividades começaram a partir do dia 9 de Novembro de 2017. Não se iniciou no período previsto pelo cronograma oficial, em função de problemas na seleção de bolsista. A bolsista Elany Ribeiro de Oliveira, da Turma 2016 (Matutino) do curso de Licenciatura em História/UNIFESSPA/Campus Xinguara, foi a selecionada para trabalhar nesse projeto.

UNIFESSPA (PDI, 2016, p.43), passam pela própria definição de Extensão Universitária, que é:

compreendida como um processo interdisciplinar, educativo, cultural, político e científico, articulado ao ensino e à pesquisa, de forma indissociável e que viabiliza, através de ações concretas e contínuas, a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade, propiciando a construção de uma universidade intercultural.

A Monitoria, por sua vez, integra o Projeto de Monitoria Geral da instituição, voltado para melhorar os aspectos do ensino, pesquisa e extensão ligados àquela matéria, aos discentes e ao curso (PROEG/DPROJ/ED N° 08/2017, p.1).

A partir desses elementos, lançamos o seguinte questionamento norteador do Projeto de Extensão e Monitoria, dividido em duas partes:

1) Por quais formas de construção, moldaram-se as “representações” (CHARTIER, 1989, p.178) sobre negros e negras nas mentes dos estudantes do curso de História/UNIFESSPA/Campus Xinguara e das turmas de Ensino Médio da E.E.E.M. Raimundo Henrique de Miranda? E, quais delas, são mais influentes nas maneiras de gerar um “imaginário” (PESAVENTO, 1995, p.15) do povo negro nos espaços escolar e urbano (Xinguara, sul do Pará)?

2) Como e através de quais maneiras, utilizando as linguagens cinematográfica e musical, podemos cooperar para extirpar representações estereotipadas, preconceituosas, discriminatórias e excludentes de negros e negras, “ordem social e hierarquias raciais naturalizadas pela linguagem cinematográfica”, além de construir uma visão sobre a música negra livre dos estigmas da “violência”, “criminalização” e “demonização”? (CARVALHO, 2011, pp.17-30, 18; HERSCHMANN, 2000, p.14; SOUZA, 2011, pp.9-15, 10).

Partindo dessas dúvidas, recorreu-se aos indícios que poderiam ajudar a responder essas inquietações, tais como: filmes (“Malcom X”⁵ (1992) e “Agosto Negro”⁶ (2007)), músicas (“Negro Drama” do álbum “Nada Como Um Dia Após o Outro” (2002), do grupo de rap Racionais MC’s⁷), entrevistas (universitários, estudantes

⁵ O filme é uma cinebiografia do importante líder negro norte- americano Malcom X, que atuou em prol dos direitos civis dos negros nos EUA, durante a primeira metade dos anos 60. Registrado Malcom Little (1925-1965) ao nascer (Omaha, Estado de Nebraska) e tendo adotado um nome muçulmano depois de sua conversão religiosa, Al Hajj Malik Al-Shabazz, ficou mundialmente conhecido com Malcom X, o “X” foi uma maneira de se livrar da herança da escravidão, a qual seus antepassados tinham sido vítimas. Seu pai, Earl Little, foi pastor e membro ativo da Associação Universal para o Progresso Negro (UNIA). Morreu assassinado por membros da Ku Klux Klan, entidade extremista, reacionária e racista, fundada na metade do século XIX. Ela foi contra a conquista dos direitos sociais dos negros após o fim da Guerra Civil Norte-Americana (1861-1865). Teve uma atuação forte no sul do EUA, região do Estado de Nebraska. Depois da morte de seu pai, a mãe de Malcom, perdeu a guarda de seus filhos e foi internada em um hospício (1937-1939). Malcom peregrinou por lares adotivos, até se estabelecer nas ruas do bairro do Harlem (Distrito de Manhattan, Nova Iorque, Estado de Nova Iorque) (1943). Lá fez carreira como garçom em trens, vendedor de drogas, coletor de apostas ilegais, cafetão e ladrão. Depois de ser preso (1945-1947), conheceu a “Nação do Islã”, grupo religioso muçulmano, liderado por Elijah Muhammad. Converteu-se aos seus ensinamentos e passou a militar pelas suas causas, inclusive a favor da solução dos problemas que assolavam os negros norte-americanos. Suas pregações, entrevistas e palestras (1953-1965) giravam em torno do islamismo, violência como método para autodefesa e conquista de direitos, além do socialismo e luta contra a estrutura capitalista que oprimia o negro em geral. Depois de sua ruptura com a “Nação do Islã”, fundou a Organização Para a Unidade Afro-Americana, na qual defendia a união de brancos e negros em torno da conquista dos direitos civis dos afro-americanos. Não pode dar continuidade ao seu novo momento ideológico e político. Em sua primeira fala, no dia 21 de Fevereiro de 1965, em um teatro localizado no Harlem, foi alvejado por 16 balas de calibre 38 e 45. Ver: HALEY, 1965.

⁶ Já “Agosto Negro” (2007) retrata a vida de outro importante líder negro norte-americano: George Jackson (1941-1971). Nasceu na cidade de Chicago, Estado de Illinois. Teve infância difícil e pobre, recheada de pequenos crimes. No começo dos anos 60, cometeu um assalto à mão armada, em uma estação de serviço, furtando 70 dólares. Foi preso, julgado e condenado de 1 ano até prisão perpétua. Nesse momento tinha 18 anos de idade. Começou a cumprir pena na Prisão Estadual de San Quentin, localizada na cidade de San Rafael, no Estado da Califórnia. Lá, no ano de 1966, fundou a Guerrilha Família Negra (“Black Guerrilla Family”), um braço militar do Partido dos Panteras Negras, ao qual era membro. No dia 16 de Janeiro de 1971, recebeu outra condenação. Por, supostamente, matar um policial na prisão, em represália aos assassinatos de três detentos negros. Pegou um período na solitária por causa disso. Com seu isolamento, veio o mergulho nos estudos e livros. Estudou Ciência Política, Economia, História e Teoria Revolucionária. Nesse intervalo, dedicou-se a escrever. Concluiu e lançou dois livros: Sangue nos Olhos (“Blood In My Eye”) e Irmãos Soledad (“Soledad Brothers”). Neles, expunha seus pontos de vista sobre o racismo, a violência contra o povo negro nos EUA e no mundo e a revolução armada como meio para derrubar o sistema capitalista, tomar o poder e estabelecer direitos iguais para os negros e negras. No dia 21 de Agosto de 1971, George Jackson foi morto a tiros por policiais de San Quentin. Ele iniciou uma revolta seguida de fuga na prisão. Isso foi alguns dias antes de um novo julgamento, para poder rever sua situação prisional. Para saber mais, ver: ALVES, 2011, pp.50-70; BATISTA, 2011, pp. 27-34; JOHNSON III, 2002, pp. 93-125; <http://historyisaweapon.com/defcon1/jacksoninterview.html>, acessado no dia 23 de Março de 2018, às 11:40 da manhã.

⁷ Durante os anos de 2013 e 2014, comemorou-se os 25 anos de carreira dos Racionais MC’s, ao longo da qual foram lançados cinco álbuns – Holocausto Urbano (1990), Escolha Seu Caminho (1992), Raio-X do Brasil (1993), Sobrevivendo No Inferno (1997) e Nada Como Um Dia Após o Outro Dia (2002) – nos quais, majoritariamente, as músicas narram o período entre o final dos anos 80 e toda a década de 90,

da educação básica e professores do Ensino Médio), e a Lei Nº10.639/2003 oficializa a obrigatoriedade do ensino de História da África e História Afro-Brasileira na educação básica.

O cinema aqui, deve ser entendido como elemento cultural e mercadológico (NAPOLITANO, 2008, p.11) que produz, através das narrativas dos filmes, linguagens cinematográficas que reproduzem realidades (MACHADO, 2015, pp.23-26), além de buscar mostrar o “protagonismo negro” em tais películas (CARVALHO, 2011, pp.27-29) e, a música negra como “resistência” ao gradiente cultural hegemônico branco, presente no Brasil, além de se conectar com a ancestralidade da cultura africana (GUIMARÃES, 1998, p.230).

As entrevistas que realizamos com professores locais (Município e Estado) são outros indícios acerca de suas próprias impressões acerca da História da Amazônia presentes nos livros didáticos adotados. Elas representam fontes orais (as entrevistas) que devem ser entendidas, de acordo com Portelli (1997, p.9), como algo construído a partir de “uma troca entre dois sujeitos”, uma “visão mútua” sobre determinados ações de sujeitos no tempo e espaço. Uma “mutualidade” que deve vir acompanhada de “reconhecimento e a constatação da diversidade em indivíduos que não pertencem ao mesmo plano social e político”, principalmente, por parte do entrevistador para que se estabeleça um ambiente de igualdade entre ele e o entrevistado (PORTELLI, 1997, pp.9-10).

Motivou-nos para realizar esse projeto, uma ação pedagógica de combate ao racismo e aos seus desdobramentos, tais como preconceito e discriminação étnicos (CAVALLERO, 2001, p.35) mais a prática de um processo interdisciplinar educativo, cultural, político e científico, articulado ao ensino e à pesquisa, mirando uma relação transformadora entre Universidade e sociedade (PDI, 2016, p.43).

observado a partir do contexto das periferias urbanas. Sendo que, seu primeiro registro fonográfico apareceu na coletânea Consciência Black, Vol. I, lançada pela gravadora Zimbabwe Records, em 1988. No ano de 2014, lançaram seu sexto álbum de estúdio, intitulado Cores e Valores. Sobrevivendo No Inferno (1997), detém o importante feito de, ter sido o álbum mais vendido do Rap nacional, tendo alcançado, de acordo com a Revista Rolling Stone, a marca de um milhão e meio de cópias vendidas. Ver: CAMARGOS, 2015, pp.127-128; TAKAHASHI, 2017, pp.109-111 e entrevista dada pelo grupo, no ano de 2014, ao Programa Estação Periferia, apresentado por Hot Black, em https://www.youtube.com/watch?v=Tq8MFo_p4Kc.

Nesse texto, iremos apresentar algumas conclusões à respeito de nossas atividades extensionistas e de monitoria na E.E.E.M. Raimundo Henrique de Miranda e na disciplina História das Sociedades Africanas no curso de História/UNIFESSPA/Campus Xinguara, respectivamente. A organização dessa apresentação começa pela legislação à respeito da História da África e História Afro-Brasileira, passa pelas opiniões de alunos e professores (UNIFESSPA e E.E.E.M. Raimundo Henrique de Miranda) acerca dos filmes “Malcom X” e “Agosto Negro” e suas impressões da música “Negro Drama” usados em sala de aula.

2. Calendário Escolar, Ensino de História Africana e Afro-Brasileira.

Durante a terceira semana do mês de novembro de 2017 (13 e 17), começo de dezembro (dia 1) e, os dias 16 e 18 de maio de 2018, na Escola Estadual de Ensino Médio Raimundo Henrique de Miranda, localizada na Rua Nove esquina com a Avenida Francisco Caldeira Castelo Branco, Bairro Itamaraty, CEP: 68555-630, na periferia de Xinguara, município da região sul do Pará, ocorreu a programação do Projeto de Extensão “Cinema e Música Negra Como Elementos da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira: Subsídios Para a Aplicação da Lei nº10.639/2003 Na Universidade e Ensino Médio (2018-2019)”, voltada para a “Semana da Consciência Negra” e “Dia Nacional de Denúncia e Luta Contra o Racismo” (13 de maio). E, além dessas datas importantes para a História do Povo Negro no Brasil, existe o “Dia Internacional de Luta Contra a Discriminação Racial” (21 de Março).

O dia 20, de acordo com a Lei Nº 10.639/2003⁸, é considerado o “Dia Nacional da Consciência Negra” e faz parte do calendário escolar nacional. Como ele correspondeu a um domingo, foram realizadas atividades nos dias da referida semana. Intervenções essas, feitas por mim e Elany Oliveira, bolsista de extensão do referido projeto.

⁸ A Lei Nº 10.639/2003, que foi sancionada pelo Presidente Lula em 9 de janeiro de 2003, estabelece para a Educação Básica (Redes Pública e Privada) a obrigatoriedade do Ensino de História da África, Afro-Brasileira e dos afrodescendentes. Sendo que, principalmente, cabe às disciplinas História, Artes e Literatura a tarefa de contribuir nesse sentido. E, oficializa o dia 20 de Novembro, como o Dia da Consciência Negra, em função de ter sido morto nesse dia um dos maiores líderes da História do povo negro brasileiro: Zumbi dos Palmares.

Escolhemos acompanhar também, as ações da E.E.E.M. Dom Luiz Palha, ocorridas no dia 1 de dezembro. Ela não ocorreu na semana citada, porque tanto as escolas municipais quanto as estaduais, estavam promovendo o “Dia Nacional da Consciência Negra”. Outro motivo que nos levou a investigar a referida escola, foi para termos uma visão mais ampla do que acontece no Ensino Médio público da cidade, em relação a esta data tão importante para a História do Povo Negro brasileiro.

As intenções dessas ações estavam concentradas em promover, de acordo com Munanga (2008/2010, p.45) “uma educação que dá valor à diversidade (histórica e cultural) e ao conhecimento do outro visando todas as formas de comunicação intercultural”. Além de proporcionar um terreno fértil para o crescimento da “vontade de corrigir a desigualdade de situações e de chances”, presentes entre os afrodescendentes, em especial, nos alunos que se identificam enquanto herdeiros da História e Cultura da África.

3. Imagens, Vídeo e Música nas Turmas do Ensino Médio da E.E.E.M. Raimundo Henrique de Miranda em Xinguara-PA: África, Consciência Negra e Racismo na Educação Básica do Sul do Pará.

A presença de protagonismo entre homens e mulheres negras na participação em filmes dirigidos por negros e, a criticidade ampla do Rap para tratar, nas letras das músicas, acerca das questões do povo negro morador das periferias das capitais brasileiras, nos instigaram a indagar se esse mesmo quadro positivo poderia ser utilizado como um potencial pedagógico, dentro do processo de ensino-aprendizagem dos alunos da Raimundo Henrique de Miranda, em relação à História Africana e Afro-Brasileira.

Para responder a essa problemática, lançamos mão de entrevistas, imagens, filmes e música, para tentarmos mapear os indícios de alunos e professores sobre o ensino de História da África e Afro-Brasileira e os seus imaginários permeados de representações sobre a África, negros, racismo, preconceito racial e identidade negra. É bom enfatizar que, foram usados filmes que pertencem a um cinema negro e, canções ligadas à música negra. Manifestações criadas e produzidas por negros e negras.

Mais uma vez, recorreremos ao filme “Malcom X” de Spike Lee e, a música “Negro Drama”, do Racionais Mc’s, buscando saber o que realmente cristalizaram em suas mentes, em termos de História Africana e História Afro-brasileira, almejando despertar olhares mais críticos para o racismo e laço com a ancestralidade africana. Conseguimos também, colher as falas de seis alunos da Raimundo Henrique de Miranda. Entrevistamos um grupo de três alunos do turno da manhã, um de cada uma das duas primeiras séries do Ensino Médio (1º e 2º Ano) e, outro, contendo um aluno de cada uma das três séries desse Nível de Ensino (1º, 2º e 3º Ano).

Sobre o uso da música e cinema nas escolas, durante as aulas de História e sua utilização enquanto fonte de pesquisa, Marisa Fonterrada (2008, pp.227-236) explica que, as suas presenças dentro do currículo da Educação Básica nacional, remontam aos debates curriculares da LDBEN, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s – 1ª à 4ª e 5ª à 8ª séries) e Referencial Curricular Nacional (Educação Infantil), realizados nos anos 90.

Ele foi feito nesse momento e, apontou um tendência mundial. Os países ocidentais estavam passando por uma “organização de currículos nacionais”. O Brasil inseriu-se nesse panorama educacional. Aliado a isso, passou a discutir a elaboração dos PCN’s com especialistas nacionais e estrangeiros, sendo que, ao final do processo, elegeu-se o modelo curricular espanhol como pilar de criação dos PCN’s (FONTERRADA, 2008, p.227).

Depois desses avanços nos documentos legais que tratam do currículo escolar nacional, Fonterrada (2008, p. 228) identificou alguns problemas atrelados à presença da música no ensino. A música sendo um “braço” da disciplina Artes, a presença da educação musical em todos os níveis de ensino, em “espaços especiais ou não formais, como instituições especializadas em música (escolas livres ou conservatórios), centros culturais, entidades de caráter cultural e recreativo, ONG’s, e outros”, o caráter da arte (da música) como atividade de lazer no âmbito escolar e baixa qualidade do ensino artístico.

Os três últimos aspectos, esclarece a autora, foram sendo construídos, historicamente, desde os anos 70, quando a Lei Nº 5.692/71, uma das primeiras versões da LDBEN, estabeleceu a Artes enquanto “atividade” e, não, “disciplina”. Artes

cristalizou-se como passatempo para os alunos e o professor virou o “festeiro” da escola. Seu trabalho, portanto – pelo menos até a LDBEN/1996, momento de alteração desse paradigma em torno do professor de Arte e educação musical - não seria capaz de contribuir para o crescimento “individual e coletivo, tanto no que se refere ao conhecimento em si quanto ao fazer artístico, à capacidade de trabalhar em grupo e à valorização estética, o que se refletiria na melhoria da qualidade de vida” (FONTERRADA, 2008, p.230).

Agora, relataremos um pouco do nosso contato com a escola, sua estrutura, com os professores que buscam aplicar a Lei Nº10.639/2003, a coordenação do Ensino Médio e a relação com os alunos pelas atividades do projeto de extensão desenvolvidas em sala de aula.

Ao chegar na escola pela parte da noite, logo depois do projeto de extensão ter sido contemplado, entre o final de setembro e o mês de outubro de 2017, fui comunicar a aprovação para a coordenadora do Ensino Médio, professora Edna Oliveira e, perguntar se eu poderia trabalhar com o professor de História as questões sobre o ensino de História da África e Afro-Brasileira. Para minha surpresa, a coordenadora me informou que, o professor de Filosofia, Claudemir Chaves era o responsável por discutir a educação das relações étnico-raciais na escola. Inclusive, por organizar, junto com Alessandra Faustino, professora de Língua Portuguesa e Literatura e, a própria coordenadora, a “Semana da Consciência Negra” na escola, sem a presença do professor de História. Retornaremos a esse ponto mais à frente, quando citarmos trechos da entrevista que tivemos com o professor Claudemir, já que ele é peça-chave nessa investigação, por ser o docente a buscar executar a Lei Nº10.639/2003 na escola.

Apesar dessa dificuldade apresentada, Claudemir se colocou à disposição para cooperar no que fosse necessário. Até porque, o próprio professor, tem um apreço muito grande pelo Rap, uma das linguagens que preterimos por usar em nossos trabalhos de extensão. Além de ser uma das suas preferências musicais, tal aspecto foi reforçado por sua militância política de esquerda e experiências em periferias de capitais brasileiras.⁹

⁹ Claudemir Chaves, o “Che” como é conhecido pelos estudantes e colegas de trabalho, atua como professor de Filosofia da Rede Estadual de Ensino do Estado do Pará (SEDUC-PA), desde 2001, quando veio pra Xinguara trabalhar na área educacional. As E.E.E.M. Raimundo Henrique de Miranda e Dom Luiz de Moura Palha, são seus espaços de trabalho. Ele nasceu em Almenara, município do norte de

Para Claudemir, refletindo mais amplamente, alertou que a “lei em si, é uma coisa boa”, entretanto, por outro lado “não era preciso ter uma lei dentro do Brasil”, para que “isso pudesse acontecer, né?”. Trabalhar dessa maneira, não parece ser o meio mais apropriado. Na visão de Claudemir, socializar e problematizar conhecimentos acerca da História Africana e Afro-Brasileira na Educação Básica significa, nos termos apresentados pela lei, que os professores estão “forçando a coisa, assim”. Falar de História e Cultura do Povo Negro deveria acontecer de modo mais espontâneo e consciente.¹⁰

Acerca da nossa proposta de usar as linguagens musical e cinematográfica para subsidiar a aplicação da Lei Nº 10.639/2003 nas turmas de Ensino Médio da Raimundo Henrique de Miranda, Claudemir enfatizou que a “música, todo mundo sabe que, chama atenção, né? A música é uma coisa fantástica, assim é, passa mesmo a mensagem” e, o cinema “também é algo que chama bastante atenção”. Para ele, o “negócio de quadro e giz é complicado”. O aluno “tá cansado disso”, portanto, qualquer outra didática que venha a mostrar algo diferente, “pra chamar a atenção do aluno, sem dúvida vai melhorar o aprendizado”.¹¹

De maneira mais específica sobre a audição do Rap em sala de aula, conclui ele que, o “Rap é resistência. É música da favela. Quem mora na favela? Na cidade grande,

Minas Gerais, região conhecida como Vale do Jequitinhonha. Segundo a entrevista do professor, desde pequeno sempre fez parte de grupos de discussão. Principalmente aqueles ligados à Igreja Católica, como as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's). Já com 17 anos de idade, Claudemir teve sua primeira passagem pelo sul do Pará. Quando passou por Xinguara, atuou no bairro do Itamaraty, formando o grupo Jovens Unidos do Itamaraty (JUST) e, envolveu-se também com o grupo Fé e Política, ligado a Igreja Católica de Xinguara. Ele era liderado pelo frade dominicano Frei Henri Burin des Roziers (1930-2017), renomado advogado da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e um dos grandes defensores dos Direitos Humanos na região. Foi influenciado e ingressou na Ordem dos Dominicanos. Virou seminarista e foi para Curitiba terminar seu Ensino Médio. Lá, também fez Graduação em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica (PUC-MG). Nesse período que passou em Minas Gerais, atuou como colaborador social trabalhando com pessoas de alto grau de vulnerabilidade social (mendigos, moradores de rua e viciados), conheceu o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Fez parte do grupo de inteligência do MST. Depois, já em São Paulo, morando em Perdizes, entrou em contato com ala guerrilheira do MST. Quando retornou a Xinguara, em 2001, militou no Partido dos Trabalhadores (PT). Coordenou a área de Educação do Campo na gestão municipal petista de José Davi Passos (2009-2016). Hoje, atua na sala de aula debatendo temas como intolerância, autoritarismo e racismo. Dentre as conexões que usa, a música é uma das suas principais ferramentas para se ensinar e conscientizar os jovens. O Rap é um dos gêneros musicais apreciados por ele e, que tem um grande potencial transformador da realidade. Sua admiração pelos Racionais Mc's, o fez debater em sala de aula os temas citados.

¹⁰ Entrevista concedida por Claudemir Chaves a SILVA, Bernard Arthur Silva da, em 1 de Fevereiro de 2018

¹¹ Idem.

a maioria dos negros tá na favela, entende?”. No caso da Raimundo Henrique de Miranda, uma escola fincada em um bairro periférico de Xinguara-PA, desprovido dos mais básicos serviços públicos e, com uma presença significativa de alunos e alunas negras. Logo, continua Claudemir, “você ouvir Rap hoje, é você dizer que você faz parte daquele povo, você concorda com a luta deles, você tá ali, tá do lado, entende?”.¹² Resistência, lugar de fala e sentimento de pertença são aspectos que podem suscitar nos estudantes a prática de uma educação das relações étnico-raciais e ensino-aprendizagem mais sensível.

Posto isso, no dia 13 de novembro, fizemos nossa primeira intervenção na Raimundo Henrique de Miranda, nas três turmas de Ensino Médio. Nesse caso, executamos tal ação pela parte da manhã, um turno que comporta todas as séries desse nível de ensino.¹³ Nele, existem apenas três turmas, uma de cada série. Essa ação, propositalmente, coincidiu com a Semana da Consciência Negra.

De uma certa forma, nossa intervenção conectou-se com discussões atreladas à História do povo negro, as suas datas históricas (21 de Março – Dia Internacional de Luta Contra a Discriminação Racial, 13 de Maio – Dia Nacional de Denúncia e Luta Contra Racismo e 20 de Novembro – Dia da Consciência Negra), foram mostradas imagens dos séculos XIX e XX sobre a História e Cultura da África e Afro-Brasileira. Pinturas feitas pelo francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848), sobre o cotidiano da sociedade imperial no Brasil, realizadas entre 1817 e 1831 durante a Missão Artística Francesa, captou inúmeros sujeitos, dentre eles, os escravos negros e indígenas. Junto a essas, imagens de mapas, paisagens naturais, povos africanos, de atividades realizadas nas escolas públicas estaduais, de protestos do movimento negro brasileiro na época da

¹² Ibidem.

¹³ A E.E.E.M Raimundo Henrique de Miranda, é um anexo da E.E.E.M. Dom Luiz Palha, a maior e principal escola pública de Ensino Médio de Xinguara-PA. A escola existe desde 2006 e, está prestes a completar 10 anos. Porém, sua origem remonta a uma série de pedidos, reclamações e reivindicações frente a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC-PA) e sua Unidade Regional de Educação para instalar uma instituição que viesse a atender aos anseios da comunidade do bairro do Itamaraty, em Xinguara-PA, que a anos tinham dificuldades de obter o Ensino Médio. Até então, precisavam se deslocar para escolas estaduais mais ao centro da cidade para poderem estudar, prejudicando assim, por um bom tempo, suas formações. O prédio no qual ela funciona, pertence ao Estado, porém pela parte da manhã, funciona uma escola municipal, que atende o Ensino Fundamental. Então, alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, com diferenças geracionais e comportamentais, acabam tendo que dividir o mesmo espaço. Espaço que, originalmente, devia ficar a cargo do Ensino Médio. Pela parte da noite, a Raimundo Henrique de Miranda apenas recebe as turmas de Ensino Médio.

Redemocratização nacional (1985-1988) e personagens ícones das manifestações da música negra (Wilson Batista, Cartola e Pixinguinha (Samba e Choro), Robert Johnson (Blues), Chuck Berry (Rock), Bob Marley (Reggae) e Racionais MC's (Rap).

Ao utilizar essas novas linguagens e mídias com os estudantes da Raimundo Henrique de Miranda, recorrendo à Abud (2005, p. 311), pretendi auxiliar na “construção do conhecimento histórico do aluno, formar a sua capacidade de julgar – comparando sociedades em épocas diferentes, e a existência delas ao mesmo tempo em locais diferentes”. Complementando essas intenções, buscou-se “como efeito social o desenvolvimento do espírito crítico e da tolerância”.

Bem, após alguns dias depois das nossas ações nas salas de aula da turmas de Ensino Médio da E.E.E.M. Raimundo Henrique de Miranda, entrevistamos alunos e alunas das séries de cada turno (manhã e noite), sobre o uso da música “Negro Drama” e o filme “Malcom X” para falar de identidade negra, consciência negra e História do Povo Negro.

Felipe Eduardo, 16 anos, do 2º Ano da manhã, fez as seguintes observações sobre a música do Racionais Mc's:

Esse filme aí, eu tô vendo ele agora. Mas, essa música “Negro Drama”, eu já ouvi várias vezes ela. O jeito do homem falar na música (Mano Brown e Edi Rock), é muito, ela fala muito a verdade, que é o nosso Brasil aqui.¹⁴

Também da manhã, Gabriely Reis, 16 anos, 2º Ano, pontuou de maneira mais clara sobre “qual verdade” e como é esse “nosso Brasil” que Mano Brown e Edi Rock do Racionais Mc's falam em “Negro Drama”:

Esse filme, eu não sabia nem que existia. Eu nunca ouvi falar nele. Nunca havia assistido. No entanto, a questão da música, sempre ouvi sim. Racionais, é Tribo da Periferia, que, às vezes abrange um pouquinho. Fala muito sobre “quebrada”, negros.¹⁵

¹⁴ Entrevista concedida por Felipe Eduardo a SILVA, Bernard Arthur Silva da, em 25 de Novembro de 2017.

¹⁵ Entrevista concedida por Gabriely Reis a SILVA, Bernard Arthur Silva da, em 25 de Novembro de 2017.

Alguns outros alunos, como os da noite, conseguiram perceber as alterações nas interações entre professor e estudantes, ao se lançar mão da música. Por exemplo, Genemar Costa, 16 anos e 2º Ano (noite), enfatizou dessa forma:

O filme, eu nunca assisti não. Mas, agora já, as músicas já, eu ouço direto assim. Tipo assim, pra nós, no dia, porque o aluno presta mais atenção, né?¹⁶

Sobre o filme “Malcom X”, todos os alunos entrevistados alegaram nunca terem visto o filme até aquele momento. Muitos disseram que nem sequer sabiam da sua existência. Mesmo ele tendo falado sobre uma das mais destacadas lideranças políticas negras já existentes, a consciência sobre a sua existência histórica mostra mais um momento de não aplicação da Lei Nº10.639/2003 e o descaso como o ensino da História do Povo Negro. Em que pese essa constatação local negativa, Yolanda Lopes de Almeida, 18 anos e membro do 2º Ano (manhã) colocou a seguinte situação:

E, tem muitos filmes já que eu assisti, questão da escravidão. Acho que, se eu não me engano, parece que é “12 Anos de Escravidão”. Eu achei um dos melhores filmes, assim que, abrangem a questão da escravidão. Na minha opinião, abrangeu muitas coisas. Muitas pessoas, né? Não mostram na mídia. Ele trouxe a realidade, né?¹⁷

Partindo dos trechos das falas dos estudantes, nas quais estão registradas suas impressões acerca da música “Negro Drama” do Racionais Mc’s, recorremos à Paul Gilroy (2001, p.204) que salientou o quanto a “música negra” – e, o Rap enquanto um de seus “braços” – “expressou um elemento fundamental da cultura política negra desde o período escravista, quando era negado aos escravos o direito à alfabetização”. Conseqüentemente, continua Gilroy, a “música negra” foi eleita durante o séc. XX, por lideranças negras norte-americanas e caribenhas, como o principal símbolo de uma “imaginada autenticidade racial”.

No rastro do pensamento de Gilroy, Sales Augusto dos Santos (2008, p. 170) constata que, em termos de Brasil do início dos anos 90, a mobilização negra contra o racismo no Brasil reutilizou a música, por meio do Rap, “como forma de denunciar e

¹⁶ Entrevista concedida por Genemar Costa a SILVA, Bernard Arthur Silva da, em 12 de Dezembro de 2017.

¹⁷ Entrevista concedida por Yolanda Lopes de Almeida a SILVA, Bernard Arthur Silva da, 25 de Novembro de 2017.

condenar a opressão racial brasileira”, já que, os “canais tradicionais de contestação e os participantes da esfera pública brasileira”, aqui exemplificados pelos partidos políticos, sindicatos de trabalhadores e empresários, não inseriam isso na pauta da agenda nacional. Por meio de uma “música reflexiva e extremamente crítica” e impulsionados a partir de uma “poesia extraordinariamente contundente”, baseada em versos denunciadores da violência racial e social a que estão submetidos os moradores das grandes periferias dos grandes centros urbanos brasileiros, o “Rap Consciência” acabou materializando esse protagonismo negro.

Alguns alunos e alunas da Raimundo Henrique de Miranda, minimamente, detectaram essas intenções nos discursos presentes na letra de “Negro Drama” do Racionais Mc’s. E, todos que foram entrevistados admitiram ser negro ou ter alguma descendência negra na família. Além de afirmarem ser oriundos do bairro do Itamaraty. Um área periférica, marcada em muitos de seus trechos, por falta de pavimentação asfáltica, iluminação pública restrita e deficiente, contendo apenas uma escola pública para atender os ensino infantil, fundamental e médio e acesso irregular à água potável.

Indo além da mera constatação dessas intenções, ao realizarmos uma segunda ação extensionista na Raimundo Henrique de Miranda, nos dias 16 e 18 de maio de 2018, na qual exibimos alguns trechos do filme “Detroit em Rebelião” (2017) e fizemos a audição da música “Voz Ativa”, mais uma faixa do álbum “Raio-X Brasil” (1993) pertencente ao Racionais Mc’s, sugerimos aos estudantes (manhã e noite) que eles escrevessem um verso abordando temas como preconceito racial, discriminação, exclusão e História Afro-Brasileira. Nossas constatações se materializaram, de fato. Nesse sentido, destacou-se o verso de Daniel Cavalcante, do 1º Ano A (Manhã), que trazia os seguintes dizeres:

Espera aí irmão
Não sou bandido não
Pra você me tratar como se eu fosse um ladrão
Eu sou negro
Essa é a minha cor
Esqueça o racismo
E me respeite por favor¹⁸

¹⁸ Verso escrito por Daniel Cavalcante (1º Ano/Manhã) da E.E.E.M. Raimundo Henrique de Miranda, no dia 18 de Maio de 2018. FONTE: Arquivo do Projeto de Extensão “CINEMA E MÚSICA NEGRA

Nossas considerações podem ser enumeradas da seguinte forma: ressaltou o caráter “guerreiro”, de “enfrentamento”, de “embate” e “resistência” do povo negro, orgulho em ser negro e menção ao racismo policial. Então, além das afirmações que fizemos a pouco sobre os estudantes da Raimundo Henrique de Miranda, podemos afirmar que alguns conseguiram entender a gravidade do alcance do racismo. E, como ele pode resultar, inclusive em processos de desrespeito, criminalização e exclusão social.

Somam-se aos fatores citados, que potencializam um ambiente favorável para a prática do racismo, a confirmação em algumas falas dos estudantes, situações de prática de racismo por parte de professores e colegas de escola, seja nas falas “descompromissadas”, nas piadas e referências estereotipadas negativamente em relação ao cabelo crespo, elemento ímpar do corpo negro.

Esse rol de situações, conecta-se, guardadas as devidas proporções, com as condições da população pobre das periferias dos grandes centros urbanos das capitais do Brasil que, em sua imensa maioria, é negra. Citando os trabalhos de Jesus (2011, pp. 162-165), Amaral (2011, pp.593-620), Souza (2011, pp.140-155), Biazzo e Pinto (2006, pp.5-9), que interviram ou investigaram intervenções nas salas de aula das escolas públicas periféricas de Campinas-SP, São Paulo e Londrina-PR, as constatações tornam-se claras.

4. Considerações Finais

Nas palavras de Ana Fonseca (2011, p.24), percebemos o quanto o Rap:

...enquanto subsídio didático, pode ajudar a revelar e privilegiar vozes e identidades que normalmente não são consideradas na escola, em termos curriculares, devido à atualidade e pertinência dos temas abordados e à sua ampla difusão dentre as populações urbanas jovens do país. Esse tipo de canção pode se constituir, assim, em material didático motivador, uma vez que — ‘o contexto que é mais próximo do aluno e mais facilmente explorável para dar significado aos conteúdos da aprendizagem é o da **vida pessoal**,

cotidiano e convivência’ segundo consta nos PCNs (BRASIL, 2000b, p. 81, grifos originais) .

Apesar dessas exigências legais, muitos livros didáticos e paradidáticos não colocam nos seus conteúdos, letras de músicas de Rap. Acabam privilegiando a produção musical denominada de MPB e os trabalhos de músicos como Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso e Djavan (BENTES, 2004, pp. 172-173). Apesar do potencial poético-lingüístico encontrado nas obras desses artistas, em termos motivacionais, não são suficientes para atingirem a mente de jovens garotos negros e garotas negras pobres das periferias das capitais brasileiras (FONSECA, 2011, p.25).

Usar o Rap e o cinema negro nas salas de aula das escolas públicas¹⁹ seria buscar aplicar um currículo multicultural e pós-crítico, que considere as diferenças e as coloque em questão. Mesmo com a escola ainda se mostrando como um espaço hegemônico, é preciso fazer uma implosão que abale essas estruturas educacionais estabelecidas e possibilite a veiculação de vozes dissidentes e contra-discursos. Até porque, elas mostram a centralidade das questões sociopolíticas e linguísticas da vida social. Por fim, as práticas de tais linguagens podem privilegiar identidades negadas e silenciadas na escola, além de influenciar na politização dessas mesmas identidades (FONSECA, 2011, pp. 26-29).

5. Referências

5.1 Documentos legais

BRASIL. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional : Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico]. – 8. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

BRASIL. **Lei Nº 10.639/2003**. Estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Básica. Brasília: MEC/SEPPPIR, 2003.

BRASIL. UNIFESSPA. **Projeto Pedagógico do Curso (PPC)/História/UNIFESSPA/Campos Xinguara**. 2016.

¹⁹ O espaço do nosso projeto de extensão foi a E.E.E.M. Raimundo Henrique de Miranda. A Rede Privada de Ensino e os usos da música negra e cinema negro das suas salas de aula, não foram alvo de nossas investigações. Sobre isso, concordamos com Ana Fonseca (2011, p.29), ao afirmar que o uso do Rap nas escolas privadas deve servir “para que alunos e alunas tivessem a oportunidade de conhecer e entender uma outra visão de mundo, uma outra perspectiva, através desse específico fazer poético que é o rap, e, quiçá, sensibilizassem-se com o discurso e as formas de resistência dos menos favorecidos”. Todavia, é importante percebermos que “não há garantia de que haja, de fato, tal sensibilização, mas a tentativa pode causar certo deslocamento ideológico”. Nossa intenção foi primeiro lidar com a Rede Pública de Ensino de Xinguara-PA. Futuramente, essas hipóteses levantadas pela autora poderão testadas na escolas privadas.

HERSCHMANN, Micael. **O Funk e o Hip-Hop Invadem a Cena**. Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 2000.

JESUS, Adriana do Carmo de. R.A.P. ENSINA: as possibilidades educativas que permeiam as práticas do movimento Hip Hop. In: _____. **Revista da ABPN**, v. 2, n. 4, mar. 2011 – jun. 2011, p. 151-168.

JOHNSON III, Ollie A. Explicando a Extinção do Partido dos Panteras Negras: O Papel dos Fatores Internos. In: _____. **CADERNO CRH**, Salvador, n. 35, p. 93-125, jan./jun. 2002

MACHADO, Arhur Versiani. **Filmes Históricos No Ensino de História**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

MUNANGA, Kabengele. Educação e Diversidade Cultural. In: **Cadernos Penesb**, Periódico do Programa de Educação Sobre o Negro Na Sociedade Brasileira, FEUFF, Nº10, Janeiro/Junho 2008/2010, Rio de Janeiro/Niterói, EdUFF, 2008/2010.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. **Como Usar o Cinema na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em Busca de Uma Outra História: Imaginando o Imaginário. In: _____. **Revista Brasileira de História**, vol. 15, nº 29, São Paulo, 1995, p. 15

ROSSATO, Cesar; GESSER. Verônica. A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunidenses. In: In: